RODRIGO LACERDA

Reserva natural

Contos

Companhia Das Letras

Copyright © 2018 by Rodrigo Lacerda

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Raul Loureiro

Foto de capa
Monkeys in the Jungle, Henri J. F. Rosseau, óleo sobre tela, 114×162cm, 1910. Bridgeman/ Fotoarena

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Adriana Bairrada
Ana Maria Barbosa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lacerda, Rodrigo
Reserva natural : contos / Rodrigo Lacerda. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3077-1

1. Contos brasileiros I. Título.
18-12538 CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Contos : Literatura brasileira 869.3

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Sumário

TERRITÓRIO
Reserva natural, 9
Sempre assim, 43
Polinização, 55
Energia, 65
Santuário da Lagoinha, 81

FAUNA
Concurso, 93
Movimento, 123
Paraíso, 145
O caçador, 153
Metástase, 169

TERRITÓRIO

Reserva natural

As crianças comeram cedo e desabaram antes das oito; uma no sofá, outra na rede, uma terceira no colo da mãe, e a última, excepcionalmente, na própria cama. Nos adultos o cansaço demorou mais a bater, as deserções só começando depois do jantar. O sítio havia feito jus a tudo que eu prometera; sol, piscina, muita comida, muita bebida e, para fechar o primeiro dia, no cair da tarde, um passeio à beira do rio.

"Eu que falei para o seu pai", contou Roberto pela milésima vez, futucando o chão coberto de folhas com a bengala. "Quando vi essas árvores, esse verde, e o rio…", ele respirou com força no meio da frase, absorvendo a paisagem, depois correu os dedos pelo bigode branco, "você tem que comprar."

Desde pequeno eu ouvia essa história, e Laura, minha mulher, àquela altura da nossa vida em comum, com certeza estava cansada de conhecê-la também (ainda a ouviríamos outra vez até o fim da noite). Pelos olhares que trocamos, algo semelhante acontecia com os filhos de Roberto.

Havia tempos que não juntávamos tanta gente no sítio. Após a morte dos meus pais, os tradicionais feriados de casa lotada ficaram meio sem sentido. Ou melhor, passaram a depender só de mim e da minha mulher, e tínhamos tanta preguiça dessas grandes produções — megassupermercados, mapas, comboios, quartos entupidos de colchonetes para as crianças dos convidados… Nossos dois primeiros filhos eram agora jovens adultos, e, quando a caçula nasceu, comigo bem pra lá dos quarenta, o sítio havia se transformado num lugar mais pacato, de puro descanso.

*

Na manhã de sábado, durante minha caminhada diária, cruzei o rio e fui parar nos limites do parque pelo bambuzal, indo até o Poço da Árvore. Na volta, ao chegar, passei pelos netos de

Roberto que brincavam na piscina, vigiados pelos filhos do meu convidado de honra, sua nora e seu genro. Quatro adultos contra três crianças; marcação homem a homem e um na sobra. Conversamos rapidamente, logo pedi licença e fui colocar o calção de banho.

A luz do dia era alegre, o ar estava perfumado e de qualquer lugar da casa se ouvia o canto dos passarinhos. Da varanda, pela janela, vi Roberto na sala de estar, sentado numa das poltronas floridas, e Suzana, pouco mais que um bebê aprendendo a andar, se apoiando ora nas pernas dele ora na mesa de centro. Meu padrinho com quase oitenta anos de idade, minha filha com menos de dois. Ele um biólogo aposentado, ela de fraldas.

Roberto introduzia Suzy no maravilhoso mundo dos pesos de papel, as seis pequenas bolhas de vidro maciço, coloridas por dentro, que enfeitavam a mesa. Uma poeirinha residual da imensa coleção do meu pai, devidamente transformada em dinheiro após sua morte. Minha filha, a curiosidade em forma de gente, abria os dedos num gesto precário, sem força, carente de coordenação motora fina, tentando segurar uma das bolhas. Para suas mãozinhas frágeis, aqueles pesos, por menores que fossem, ainda eram muita coisa. Fazendo a necessidade de socorro parecer um gesto de largueza, Suzy devolveu a bolinha dura e fria ao amigo mais velho, que, recebendo-a de volta, espetou-a de brincadeira no olho, como um monóculo psicodélico.

"Estou vendo estrelas… vermelhas!"

Suzy achou graça. Então Roberto, tirando o objeto do rosto e examinando-o de frente, fez uma careta de tristeza, torceu os bigodes comicamente para baixo:

"Ei, peraí… esse aqui é verde!"

Suzy riu. Sem querer interferir, fiquei quieto onde estava. Com seu tradicional bigode branco, a bengala de castão dourado, havia poucos anos acrescentada ao figurino, e agora aquele

monóculo de mentira, Roberto parecia o próprio barão do café oitocentista. Suzy captara seu ar antigo, seu humor fresco e o carisma acima da média que o distinguiam e impressionavam a todos. Ela podia ser pequena, mas sabia muito bem que um adulto como aquele não aparece toda hora. Dos três velhos amigos — meu pai, Heitor e Roberto —, ele foi sempre o mais interessado nas crianças, algo que imediatamente merecia nossa reciprocidade.

Roberto repetiu a brincadeira, pegando outro peso de papel e encaixando-o na cara:

"Agora estou vendo estrelas… amarelas!"

Suzy deu um risinho de expectativa. Roberto fingiu observar melhor o objeto e de novo torceu a bigodeira para baixo, encenando a constatação do erro:

"Que porcaria! Esse é laranja!"

Suzy foi às gargalhadas. Eu também, fora de cena.

Laura apareceu na porta, com aquele ar de transbordamento que toda mãe ganha quando escuta o riso franco da prole. Também não me viu. Após agradecer a gentileza do nosso convidado, balançou a mamadeira para Suzy, que desapareceu com a mãe pelo corredor, cambaleando atrás do leite.

"Boa ideia", disse Roberto.

E partiu rumo ao primeiro gim-tônica do dia.

*

Estávamos todos ali tomando alguma coisinha antes do jantar. Pensativo, meu padrinho admirou por um tempo a cópia da Vênus de Urbino. A figura da mulher nua dominava a sala, do tamanho do quadro original, mais de um metro de altura e quase dois de comprimento. Uma imensa pintura a óleo, pendurada alta na parede do sofá, visível de todos os cantos; para quem es-

tava nas duas poltronas floridas, na cadeira de balanço, do outro lado da mesa de centro, e para quem chegava por qualquer uma das portas, do hall da escada, da sala de jantar e da varanda. Mesmo quem sentava no sofá, sem poder vê-la, sentia sua presença pairando acima da cabeça. Meu pai encontrara o Ticiano fake num antiquário da cidadezinha ali perto, e dera-o para minha mãe quando nasci.

"É ou não é uma cópia maravilhosa?", perguntou Roberto.

De fato, era incrível.

"É quase perfeita", eu disse. "Demorei a encontrar uma diferença em relação ao original…"

Roberto me encarou com interesse:

"Existe alguma?"

"É estranho, porque, para quem fez o mais difícil, é um erro bobo."

Roberto, curioso, fez um bico e ergueu as sobrancelhas. Laura abriu os olhos castanhos em minha direção.

"A primeira vez que reparei foi num livro sobre o Ticiano, que reproduzia o quadro. As flores do divã em que a Vênus está deitada têm um dourado mais claro. Faltou amarelo nessas aí."

"E quem garante que a foto era mais fiel ao original?", perguntou Roberto. "Nenhuma impressão é confiável nesse nível de detalhe."

"Tive a mesma dúvida, mas numa viagem à Itália fui ao museu e confirmei."

Roberto e Laura olharam para a Vênus na parede, avaliando.

"Mesmo assim, é uma cópia incrível", eu me apressei em dizer.

"Nunca vi uma tão linda", concordou Laura.

"Um prodígio", disse Roberto. "Que pele, que olhos…"

"Lânguida e convidativa, mas nem um pouco vulgar", comentou ela. "Difícil conseguir esse efeito."

Ao que ele acrescentou:

"O cachorro dormindo, nos pés da cama, quebra o erotismo explícito."

"E as empregadas em segundo plano, mexendo no baú, dão um ar doméstico à cena."

Tudo isso era verdade, todos concordávamos. Por um instante, a conversa acabou. Eu a retomei de outro ângulo:

"Meu pai, quando minha mãe reclamava dele por algum motivo, sempre perguntava: 'Quem foi que te deu o Ticiano de presente? Quem foi, quem foi?'."

Imitei seu jeito de falar, com a voz igualzinha, e rimos da lembrança compartilhada.

"Realmente, meu sogro ganhou pontos…", disse Laura, admirada. "Ganhar um quadro desses!"

"O Ticiano passou a ser o pintor preferido da minha mãe."

"Óbvio", ela enfatizou. "Uma coisa assim, desse tamanho, dada pelo homem da sua vida, quando o seu primeiro filho acabou de nascer… É de musa renascentista pra cima."

Roberto afogou no gole de uísque um sorriso discreto e perguntou:

"Vocês sabiam que Urbino é a cidade onde nasceu Rafael?"

"Qual Rafael?", eu disse. "O Sanzio?"

"O próprio."

"Não sabia."

"Pois é…"

"Eu sei é que a *Olympia*, do Manet, foi inspirada nesse quadro."

"Que heresia!", exclamou Roberto, dando um tapa no braço da poltrona. "Aquela baixinha metida a gostosa… Deus me livre."

*

Restávamos só nós três quando Roberto sugeriu que terminássemos a última garrafa na varanda. Minha mulher, gentilmente, recusou:

"A Suzy acorda muito cedo."

Vendo que mesmo assim nos preparávamos para ir, ela acrescentou:

"E não está meio frio lá fora?"

Roberto captou a preocupação com a saúde dele:

"Minha querida, uma gripe a mais, uma a menos, não vai fazer diferença. E não estou em condições de deixar nada para amanhã."

Ao se despedir, Laura cravou os olhos nos meus. Sua expressão de alerta e o medo de ficar sem saber o que dizer, estando sozinho com Roberto, me aconselhavam a também recusar o convite. No entanto, conhecendo os membros da velha turma, eu podia apostar que ele jamais desperdiçaria o resto do vinho, uma das garrafas nobres trazidas especialmente para o fim de semana. E deixá-lo sozinho estava fora de questão.

Ao chegarmos na varanda, a luz que vinha de dentro iluminava mal e mal a fronteira com o mundo exterior. Roberto, porém, não quis acender nenhuma outra. Perguntei a ele se o sofá de palhinha era confortável o bastante ou preferia que eu trouxesse uma poltrona. Perguntei por desencargo de consciência, mas era outra situação com final conhecido. Roberto apontou a bengala para o assoalho, risonho, me olhando e balançando a cabeça afirmativamente. Resignado, mas no íntimo lisonjeado por ele reeditar comigo a antiga camaradagem, pousei a garrafa de vinho e os copos, afastei o sofá e posicionei um dos tapetes de couro de vaca, ainda cobrindo-o com uma rede, para evitar danos mais sérios aos nossos fundilhos. Então ajudei Roberto e sentamos os dois no chão. Uma vez instalados, de frente para a noite, ele arrematou:

"Tradição, disciplina e lei."

A piada o divertiu, mesmo sendo velha da época da reforma, quando a casa foi praticamente reconstruída e acampávamos em ambientes não mobiliados, tropeçando em material de obra enquanto besouros camicazes lançavam-se numa guerra cega contra lâmpadas e paredes.

Roberto encheu nossos copos, tomou um bom gole e bochechou como autêntico enólogo. Recostados, esticamos nossas pernas na perpendicular das tábuas corridas do assoalho. Tapando a parte inferior da vista, os balaústres do guarda-corpo, pintados de verde, desapareciam emaranhados por galhos e folhagens da trepadeira. Erguendo o olhar, víamos ao longe a copa das árvores maiores, as palmeiras-imperiais nos limites do terreiro, a silhueta das montanhas que demarcavam o início do Parque Nacional, a lua minguante e as nuvens contra o céu escuro.

Um vulto passou zunindo pela beira da varanda. Enquanto nos instalávamos, decerto tínhamos interrompido as expedições de caça dos morcegos, que até hoje conservam no forro do último andar um verdadeiro conjunto habitacional, e de lá, ou dos buracos da mata, saem e vêm comer nas mangueiras ao redor da casa. Assim que nos aquietamos, contudo, com nossos vinhos a postos e olhando a escuridão lá fora, recomeçaram as manobras rápidas dos mamíferos alados. Tendo em vista que os morcegos se alimentam praticamente de qualquer coisa — frutas, néctar, pólen, insetos, peixes, calangos, sapos e outros vertebrados de pequeno porte —, encontrar comida deveria ser fácil num lugar como aquele.

"Quando o Afonso comprou essas terras, eu, ele, o Heitor e o João — lembra do João, o caseiro que havia aqui? — costumávamos ficar dias explorando esses morros. Entrávamos com a cara e a coragem no que hoje é o parque. Você ainda nem tinha nascido."

"Meu pai me contou."

"Sua mãe e a Estela também adoravam essas aventuras. Minha mulher era uma grande companheira. A Beth não gostava tanto, mas o Heitor sempre acabava conseguindo arrastá-la."

"Devia ser uma terra virgem…"

"Completamente, e a fauna era abundante. Não havia guias registrados, agências de ecoturismo, aviões chegando uma vez por semana, nada disso. Tudo era mais selvagem, inclusive nós."

Depois de um tempo, perguntei, segurando a garrafa:

"Quer mais?"

Ele me estendeu a taça.

"Muito bom esse vinho."

Ficamos em silêncio. Roberto bochechava a cada gole, saboreando a bebida. Um morcego mais ousado ultrapassou os limites da varanda e deu um rasante sobre nossas cabeças. Nos encolhemos um para cada lado.

"Esse passou perto", eu disse.

Roberto me olhou e apenas sorriu.

Minha mãe sempre odiou os morcegos que rodeavam a casa. Meu pai nunca se importou com eles. Pelo contrário, defendia-os, alegando que ajudavam na reprodução de várias espécies de plantas, transportando o pólen como os beija-flores e as abelhas, e se alimentavam de roedores, afastando-os das redondezas. Invocava também o fato de as fezes dos morcegos constituírem um excelente adubo natural para nossos jardins. Quando minha mãe insistia em maldizê-los, acusando todos de serem portadores de raiva e alertando para o fato de que podiam nos atacar durante o sono e sugar nosso sangue, meu pai rebatia esses pesadelos sanitários afirmando que, na verdade, a taxa de infecção pelo vírus da raiva nas populações de morcego era bastante baixa e que as espécies hematófilas eram raras mesmo naquela região preservada. Nem com isso minha mãe desistia. Ela atingia o ponto de ebulição, isso sim. Despojava os seus ataques de qualquer

aparência científica e apelava para a mais desbragada superstição, acusando os morcegos de trazerem a morte, de serem espíritos traiçoeiros, de serem associados aos vampiros etc. Meu pai, rindo, alimentava a discussão com superstições contrárias, em que os morcegos apareciam como animais benfazejos:

"Em Tonga e na África Ocidental, os morcegos são sagrados, a manifestação física de uma alma separada do corpo", ele dizia. "Na tradição chinesa, o morcego é símbolo de vida longa e felicidade. Na Polônia, na Macedônia e entre os árabes, também."

Nada amolecia minha mãe:

"De que adianta, Afonso, rebater um medo irracional com argumentos racionais?"

A verdade era que meu pai admirava aqueles bichos voadores. Ele gostava de ficar como eu e Roberto estávamos agora, sentado no assoalho da varanda, às vezes sem luz nenhuma, vendo-os riscar a escuridão e ouvindo seus guinchos, o incrível sonar que os guiava entre os galhos das mangueiras, jaqueiras e jabuticabeiras.

"Quando eu morrer, quero ser cremado."

"Eu também", respondi.

Roberto me olhou como a uma criança, que diz "Quando crescer, quero ser astronauta". Então deu um longo suspiro:

"Se você não se importar…"

Sua voz saiu embargada. O pedido ficou pela metade.

"Diga, pode pedir, qualquer coisa."

"Se não incomodar a você, à sua mulher, aos seus filhos, eu gostaria que minhas cinzas fossem jogadas aqui."

E ele ergueu um dedo para enxugar o canto do olho.

"Roberto…"

"Eu agradeceria muito, de verdade."

"Claro que sim", respondi, segurando seu braço com cari-

nho. “Essa casa é sua há mais tempo do que é minha. E você é meu padrinho querido.”

Ele abaixou o rosto. Eu me emocionei também. Tive vontade de abraçá-lo, porém seu horror a pieguices foi mais rápido:

“Do pó ao pó, pelo pó.”

Com graça, Roberto desencavou a frase, célebre nos anos 80, de uma cantora cocainômana e filha de um político famoso. Heitor sempre a citava, talvez por ser o mais doidão dos três. Rimos daquela associação inesperada.

“Olha só quem chegou…”, disse ele em seguida, apontando para o extremo oposto da varanda.

“Quem?”

Eu olhei, mas não vi nada.

De repente, um ponto brilhou no ar. Uma minúscula vida luminosa, flutuando tranquilamente, saindo do breu lá fora e vindo em direção à varanda.

Roberto, recomposto, deu um gole no vinho. Eu também. Após novo bochecho, seguido de pequenas estaladas com a língua, ele perguntou, escondendo um sorriso malicioso no bigode:

“Quer dizer que os seus pais nunca falaram a verdade sobre o quadro?”

“Qual quadro?”

“A *Vênus de Urbino*.”

“Que verdade? A cópia não está assinada nem datada, nunca tivemos nenhuma pista sobre as circunstâncias em que foi feita.”

“Não é da autoria que estou falando.”

“Não?”

“Você realmente não sabe?”

“Eu sei o que tem para saber.”

“E o que é?”

“Que o antiquário comprou a cópia num lote fechado de

objetos, móveis e outras pinturas, de uma família tradicional da região, quando ela vendeu a fazenda."

Ele deu uma risadinha:

"Fui eu que comprei a *Vênus* para sua mãe."

Por um momento, eu não soube o que dizer. Aquele quadro, sempre cercado de tanta mística para meu pai e minha mãe… era muito estranho imaginá-lo chegando em suas vidas por uma terceira pessoa, mesmo que fosse o amigo mais íntimo.

"Você?"

Ele confirmou com a cabeça:

"Dei de presente logo que sua mãe chegou da maternidade. Ela ficou muito emocionada, até chorou. Mas seu pai ficou furioso. Brigou comigo, fez uma cena de ciúmes terrível. Até ameaçou me desconvidar de ser seu padrinho."

Dei um sorriso amarelo:

"Nunca soube disso."

Ele balançou a cabeça silencioso, confirmando.

"E o tal antiquário…?", perguntei.

"Existiu, mas fui eu que comprei o quadro. Nos últimos meses de gravidez, sua mãe não podia viajar até aqui. Num fim de semana, seu pai me pediu que viesse checar como ia tudo; fazer pagamentos, orientar os empregados, essas coisas. Então, passando pela cidade da barra, parei para o almoço. Depois fui à praça esticar as pernas e entrei no antiquário totalmente por acaso. De repente, vi aquela maravilha…"

Ele fechou os olhos, abriu um sorriso:

"Aahhh…"

Fez um gesto largo com os braços, numa espécie de gozo. As mãos tremiam, contudo, e sua evidente debilidade física me deixava inquieto. Percebendo, ele encerrou a história:

"Só fizemos as pazes quando aceitei que o Carlos me reem-

bolsasse o exato valor que eu desembolsara. Assim o presente passava, de fato, a ter sido comprado por ele."

Achei a solução ridícula. Senti vergonha do papelão que meu pai havia feito, porém me incomodou ainda mais a mentira boba que ele e minha mãe contaram a vida toda, repetida milhares de vezes, ao longo de quarenta anos.

"Eu não tiro a razão do seu pai", admitiu Roberto, com elegância. "Aquele quadro, realmente, parece uma declaração de amor."

E concluiu:

"Não cabia a mim…"

*

Oxigênio, pigmento e mais um composto rico em energia, auxiliar dos processos metabólicos, formam a molécula energizada. A cada vez que ela produz ou gasta energia, emite fótons de luz colorida. Pode ser amarela bem forte, amarelo-escura, laranja, vermelha, marrom, até verde-esmeralda, dependendo do pigmento. Na reação química entre o oxigênio e o tal composto, cerca de noventa e cinco por cento da energia produzida transforma-se em luz, e somente cinco por cento, em calor.

A luz é intensificada por cristais de ácido úrico, que ajudam a projetá-la através do abdômen do besouro. Mas ele a controla, acendendo e apagando de acordo com seus interesses. Há duas hipóteses sobre como faz isso: ou as células nervosas controlam diretamente o pisca-pisca, uma vez que o tecido emissor da luz está ligado ao cérebro, ou ele corta o fornecimento de oxigênio, fechando o tubo em seu corpo que serve de traqueia abdominal.

Essa "bioluminescência" — luz viva, ou vida luminosa — serve para facilitar a comunicação sexual no escuro, com o macho e a fêmea sinalizando um ao outro onde estão. Eles não